

A esta altura, não muitos acreditam que o Brasil chegará ao ano 2000 sem convulsões sociais. Há poucos decênios, o clima ameno, a terra fértil, a baixa densidade populacional e a própria carência cultural do povo contribuíam para o equilíbrio social. A partir do término da Segunda Grande Guerra, com o progresso das comunicações e da TV em particular, tudo começou a mudar de maneira acentuada e também, infelizmente, contribuiu para a decadência dos costumes.

Talvez por ignorância, os governos brasileiros do pós-guerra descuidaram dos problemas essenciais da Nação: educação, saneamento e transportes. Há meio século, a população da Argentina mal chegava a 16 milhões e a do Brasil beirava os 45 milhões; hoje, aquele país tem uns 30 milhões e nós andamos pelos 165 milhões de habitantes. Os argentinos nem dobraram sua população enquanto a nossa aumentou quatro vezes; assim, neste meio século, o Brasil cresceu 7,5 vezes a população da Argentina. Se a nação portenha, mais educada que a nossa, está em situação tão difícil, é razoável admitir que Deus ainda é brasileiro. Quanto a transportes, convém lembrar que, desde o século XVIII, existem hidrovias na Inglaterra.

Nosso crescimento populacional poderia até ter sido salutar porque podemos abrigar uma população substancialmente maior que a atual; mas aqueles governos não cuidaram de propiciar ao meio rural as condições mínimas de educação, saúde, saneamento e transportes, sem as quais o crescimento das áreas urbanas foi inevitável; antes, abri-

gavam menos de 1/3 da população e têm hoje mais de 2/3. Por tudo isso, somos também desimportantes do ponto de vista cultural, bastando lembrar que, num raio de uns 40 quilômetros em torno da Harvard, deve haver livros em número dez vezes maior que em toda a América Latina.

Somos um país de analfabetos e cerca de 90% da população com mais de 16 anos não tem 8 anos de escolaridade, o que propiciou o surgimento de governos

centrais fortes, até com bons propósitos e no pressuposto de que a Nação não tinha condições de conduzir seus destinos; entretanto, sua tecnocracia não diferia muito do resto da população e muito fez às avessas: inventou pós-graduações e universidades, sem antes cuidar do ensino de base; liberou os escravos, quando já estavam libertos; criou o Mobral, sem antes aplicar a lei que determina o censo escolar anual; fez reformas políticas, sem antes cuidar da organização social: "Todos sabemos, lembrou Pereira de Vasconcelos em 1841, que as agitações que têm havido entre nós... procedem de havermos antecipado à nossa organização política a social". Estruturou o País para competir no mercado mundial sem antes ampliar o mercado interno. E assim por diante.

1994 será mais um ano perdido; vai se esvaír em greves, eleições, carnaval, micaretas, escândalos, CPIs e campanhas para as eleições do final do ano. Porque hoje há poucos professores e muitos "trabalhadores da educação", poucos estudantes e muitos "caras-pintadas", haverá mais paralisações do que aulas. Enquanto isso, transita pelo Senado um dos documentos mais retrógrados dos últimos decênios, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que consolida o

tre eles e à semelhança do que ocorreu em 1988, não faltarão os que nem possuem a educação de base completa. É desejável, portanto, que não queiram resolvê-los "na marra" ou "no mutirão".

Imensos desperdícios no ensino superior; depauperação do ensino de base que começa com salários aviltantes; currículos que nada representam; inexistência de plano de carreira que valorize o mérito; corporativismo que cuida apenas de seus próprios interesses, tudo isso são problemas que nem foram tangenciados, mesmo na época mais propícia, após 1964.

Não é exagero admitir que nossos maiores problemas decorrem do baixo nível educacional do povo. Que outra explicação se pode dar, por exemplo, para a atitude desses que pretendem agora "controlar o Judiciário"? Pode haver maior ignorância e falta de civilização? Em seu famoso livro (*Civilisation*, Kenneth Clark, 1969), o renomado mestre inglês, ex-reitor de York, ex-ministro da Informação e ex-diretor da Biblioteca de Londres, ao responder sua própria pergunta, "O que é civilização?", afirmou: "Eu não sei. Não posso ainda defini-la em termos abstratos. Mas posso reconhecê-la quando a vejo". Ser-lhe-ia fácil reconhecer, com simples olhar, que nosso Brasil está bem longe de ser uma nação civilizada. Talvez, quem sabe, no próximo milênio?

## NÃO É EXAGERO ADMITIR QUE NOSSOS MAIORES PROBLEMAS DECORREM DO BAIXO NÍVEL EDUCACIONAL DO POVO

corporativismo dos que clamam pela qualidade do ensino e não dão aulas mas maus exemplos. Convém perguntar de novo: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 4.024/61) decorreu de estudos e discussões para os quais contribuíram, entre outros de igual competência, Anísio Teixeira, Julio de Mesquita, Fernando de Azevedo, D. Paulo Evaristo Arns, Carlos Lacerda e Roque Spencer Maciel de Barros. E essa que está no Senado, quem a fez, além dos sindicatos?

É um truismo dizer que o próximo século será mais dominado pela ciência e tecnologia que o atual e que o Brasil não está preparado para enfrentá-lo. Importa assim saber o que pretendem fazer para resolver tão imensos problemas os que disputarão a Presidência da República. A pergunta é pertinente porque, den-

### O AUTOR

José Carlos Azevedo é doutor em Física pelo MIT e ex-reitor da UNB

